

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ

LEONARDO DE FREITAS SERI

O VÍNCULO MATERNO NA ADOÇÃO

SANTO ANDRÉ

2015

LEONARDO DE FREITAS SERI

## O VÍNCULO MATERNO NA ADOÇÃO

Relatório final apresentado ao Programa Institucional de bolsa de Iniciação Científica - PIBIC do Centro Universitário Fundação Santo André.

Orientadora: Professora Doutora Raquel dos Santos Leal Vita Pinheiro

SANTO ANDRÉ

2015

## RESUMO

No Brasil há mais de 5.000 crianças cadastradas para serem adotadas de acordo com o relatório do mês de setembro de 2014 do Cadastro Nacional de Adoção (CNA), e ainda há cerca de 30 mil crianças em abrigos governamentais e não governamentais esperando por adoção. Os dados demográficos a respeito desse tema mostram o grande número de crianças em espera para adoção. Isso nos faz refletir acerca dos momentos que a criança vive sem o cuidado materno e a importância de sua adaptação a uma nova família. Uma vez que a chamada "adoção malsucedida" tem como uma das causas a dificuldade tanto da criança como dos pais de criarem uma ligação afetiva, faz-se necessário entender a importância do vínculo materno para que essa criança se desenvolva. Segundo Weber (2004), a temática de adoção permanece sendo tratada no Brasil de forma preconceituosa, alimentando mitos e fantasias. Dentre as possíveis visões, encontramos que uma criança que é privada de vivenciar o vínculo materno acaba criando um vazio afetivo, deixando uma configuração aberta e assim introjetando em suas relações uma dificuldade de se vincular saudavelmente. O presente trabalho tem como objetivo verificar as contribuições teóricas acerca do vínculo mãe e filho e também a teoria de contato da Gestalt-terapia que preconizam a importância da figura materna no desenvolvimento da criança. Esta pesquisa se baseia no modelo de pesquisa bibliográfica, que procura conhecer e analisar as contribuições científicas já existentes. Importante ressaltar que as teorias estudadas reconhecem que a mãe biológica não é a única capaz de auxiliar no desenvolvimento da criança, pois independente de um vínculo biológico, qualquer pessoa poderá ser provedora de nutrição física e emocional, cumprindo o papel de figura materna.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Vínculo materno-infantil. Adoção.

## SUMÁRIO

I – Introdução .....	5
II – Material e Métodos .....	7
III – Objetivos .....	8
IV - Desenvolvimento .....	9
O desenvolvimento emocional e a importância da mãe .....	9
Adoção: Uma visão psicanalítica social .....	11
Contato mãe-filho .....	13
V - Considerações finais .....	16
VI – Referências .....	18

## I – Introdução

Adotar é um ato de coragem, pois envolve o acolhimento de um ser humano que não foi gerado no ventre dessa que será a nova mãe. É um ato de amor, sem preconceito e com total responsabilidade com esse ser que passa a fazer parte da família.

“A adoção é uma doação de dois lados. Dos pais e do filho bem como da família extensa. Todos irão construindo uma rede afetiva, com aceitações, polimento de arestas psicológicas e aceitação recíproca”. (SOUZA, 2012, p.64).

No Brasil há mais de 4.500 crianças aptas a serem adotadas segundo o Cadastro nacional de Adoção (CNA), e ainda há cerca de 30 mil crianças em abrigos governamentais e não governamentais esperando adoção. De acordo com o CNA há mais de 22 mil pretendentes a adotar inscritos.

A preocupação em estudar a adoção, e em especial a formação de um novo vínculo, surge por estar ocorrendo à prática da devolução da criança adotada. A chamada “adoção malsucedida” se dá no período mais difícil de adaptação dessa criança em seu novo lar, assim como a ligação afetiva que não aparece instantaneamente com essa nova família.

“A criança que se adota provavelmente venceu desde a vida intrauterina o transtorno que sua chegada trouxe a sua mãe” (LAROCHE, 2006, p.66 *apud* SOUZA, 2012, p.23). Seguindo essa ideia a criança deixada para adoção (independente da idade) vive o abandono e a rejeição.

Segundo Weber (2004), a temática de adoção permanece sendo tratada no Brasil de forma preconceituosa, alimentando mitos e fantasias. Um dos pontos é a ideia generalizada de que a perda dos pais biológicos é irreparável e a formação de um novo vínculo sempre fica comprometida. São necessários estudos que compreendam este processo adaptativo da criança na família, assim favorecendo novas adoções e evitando o aumento do número de devoluções neste processo.

Rodrigues (2000) propõe que um novo contato representa o nascimento de uma relação saudável, uma vez que o contato só pode ser compreendido enquanto algo novo, como o episódio através da qual nascem as possibilidades.

Assim, o presente trabalho visa estudar o vínculo mãe-filho dentro da adoção levando em conta dois pontos importantes: a) a importância do contato mãe-filho

para um desenvolvimento social e emocional, e b) o processo da adoção: ser abandonado -> período sem mãe -> conquista da nova mãe.

Este estudo terá como referencial teórico autores de visão psicanalítica como Donald W. Winnicott e Françoise Dolto e da visão gestáltica de contato.

Winnicott (2013) contribuirá com sua teoria sobre a comunicação entre mães e bebês. Em suas obras, o autor afirma que é a mãe que auxilia na construção da saúde mental do indivíduo, construção esta promovida pelo meio ambiente, permitindo assim que na idade adulta esse indivíduo não apresente danos psicológicos.

Françoise Dolto (1978), na sua importante contribuição à compreensão do vínculo entre pais e filhos, afirma que os bebês são muito sensíveis à angústia materna e reagem a ela na tentativa de ajudar suas mães.

Dolto (1978) afirma que essa criança tem a sensação de ser, consciente ou inconscientemente, um objeto roubado. Segundo a autora, essa sensação irá aparecer caso os pais adotivos se neguem a conversar com criança sobre sua história. Dolto ressalta a importância dos pais não ocultarem nenhuma informação, como o lugar de seu nascimento, onde foi realizada a adoção e principalmente o fato de ser filho adotivo.

A visão gestáltica de Ribeiro (2007, p.135) “é pelo contato com o outro que me percebo existente”. Assim é na relação mãe-filho, com as trocas de sentimentos, que a criança se sente pertencente a esta família que passou a integrar. Sendo assim, o contato, nesta visão, proporciona um bom desenvolvimento para a criança, pois resulta na capacidade do ser humano de se nutrir da relação.

## II – Material e Métodos

Segundo Cervo, a pesquisa bibliográfica procura conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (2002, p. 65).

Este trabalho se baseia no modelo proposto acima. Os dados colhidos a partir de uma leitura reflexiva dos autores permitirão ao pesquisador relacionar sua questão de estudo com as teorias psicológicas. Após esta leitura reflexiva, o pesquisador selecionará as proposições dos autores sugeridos que possam embasar e aprofundar a compreensão do vínculo mãe-filho, atingindo assim seus objetivos de estudo.

As principais fontes de bibliográficas utilizadas na análise de dados são:

ANTONY, Sheila. **A clínica gestáltica com crianças**: Caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010.

DOLTO, Françoise. **Destinos da criança**: Adoção, famílias e trabalho social. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, Donald Woods. **Pensando sobre crianças**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os bebês e suas mães**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WEBER, Lídia. **Aspectos psicológicos na adoção**. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2004.

## **III – Objetivos**

### **Objetivos gerais**

Este trabalho tem como objetivo verificar as contribuições teóricas de Donald Winnicott e Françoise Dolto acerca do assunto vínculo mãe e filho e também a teoria de Contato da Gestalt-terapia a fim de frisar a importância da relação mãe e filho para o desenvolvimento humano

### **Objetivos específicos**

1. Levantar breve histórico sobre os aspectos psicológicos da adoção e sistematizá-los com o assunto central do trabalho: o vínculo mãe e filho.
2. Investigar a importância da formação e rompimento do vínculo afetivo mãe e filho à luz dos autores citados acima;
3. Investigar a importância do contato entre mãe e filho, como provedor do desenvolvimento humano saudável.



## IV - Desenvolvimento

### *O desenvolvimento emocional e a importância da mãe*

A vida do ser humano é uma busca da continuidade de ser e viver, que envolve todo o procedimento de desenvolvimento do indivíduo, e o possibilita a se integrar e continuar sendo.

Na teoria Winnicottiana, o processo de desenvolvimento emocional é considerado através de dois aspectos, a hereditariedade e o ambiente (cuidado materno), este que pode apoiar, falhar ou traumatizar. Neste processo o bebê se encontra no meio, crescendo, vivendo e ganhando experiências e para Winnicott (1983) muitos dos conflitos na vida adulta estão vinculados a um ambiente deficitário.

As tendências hereditárias, chamados de processos de maturação para Winnicott (1983) constituem-se de impulsos biológicos da vida para o crescimento e desenvolvimento do bebê.

Cada ser humano tem um potencial para amadurecer segundo este autor, mas para que esse ser amadureça, depende de um ambiente facilitador que forneça a ele cuidados "suficientemente bons" e esse ambiente inicialmente na vida do ser humano é representado pela mãe, que neste estado inicial, reconhece essa dependência e se adapta constantemente as suas necessidades.

Todo processo de desenvolvimento saudável, é resultante de um ambiente facilitador, por isso é de extrema importância que a mãe seja responsável por todos os cuidados físicos e afetivos necessários, para preencher todas as necessidades do bebê, portanto:

O bebê depende da disponibilidade de um adulto genuinamente preocupado com os seus cuidados, isto é, alguém que possa contribuir para uma adaptação ativa e sensível às necessidades da criança, que a princípio são absolutas (SANTOS, 1999, p.1).

*A mãe suficiente boa* proporcionará um ambiente favorável para a integração dos fragmentos de realidade mostrados por ela, capacitando o bebê a lidar com

estes fragmentos, condizentes ao seu momento de desenvolvimento, possibilitando o processo de maturação, ou seja, a evolução do ego.

Para que a mãe consiga desempenhar este papel, ela precisa viver algumas condições, que é denominada por Winnicott em 1983 de *preocupação materna primária*, que são condições normais que a mãe se preocupa. Nessas condições estão inclusas a saúde física do bebê e dessa mãe, uma amamentação tranquila e pouca interferência de elementos estressantes.

É pensando na preocupação materna primária, que Winnicott diz, “as mães-substitutas geralmente se mostram aptas a atingir esta condição e pode ser de grande utilidade dizer-lhes que se trata de uma situação passageira” (2013, p.83).

Na falta de um ambiente “bom o bastante”, como por exemplo, a falta de uma mãe, ou a mãe estar deprimida ou ansiosa, o ambiente criado, começa a se transformar em um espaço onde o bebê se sente menos acolhido, prejudicando seu desenvolvimento. Desta maneira o bebê constrói desde cedo formas de se defender contra a estimulação vinda do ambiente.

Winnicott (1983) utiliza a expressão *holding* que é compreendido pelo ato de segurar a criança nos braços, o contato físico, o cuidado que caracteriza seu significado principal. O *holding* expressa muito da importância da relação mãe-filho, e para o autor a falta dele resulta:

... da sensação de despedaçamento;  
 ... da sensação de estar caindo em um poço sem fundo;  
 ... de um sentimento de que a realidade externa não pode ser usada para o reconforto interno;  
 e de outras ansiedades (WINNICOTT, 2011, p.27).

O *holding* também é o fator que decide a passagem da dependência absoluta à dependência relativa. Dependência absoluta, conceito que fala por si só, é a dependência do bebê inteiramente de sua mãe para realizar suas necessidades e também para realizar sua integração em um ambiente. Já a dependência relativa, o bebê se torna consciente de suas necessidades e já diferencia os cuidados maternos e os impulsos pessoais.

No início da passagem de absoluto para relativa, o "objeto transicional" exerce papel indispensável na função de amparo. Na falta da mãe, este objeto é um mediador entre mãe e filho.

É importante ressaltar que, para Winnicott nenhum ser humano é independente absoluto. O ser sadio não vive isolado, mas sim, se relaciona com o ambiente, assim tornando-o independente.

### ***Adoção: Uma visão psicanalítica social***

Dolto em uma entrevista com *Médecine de L'Homme* em 1998 diz que a criança que foi deixada a adoção por mais de um ano e meio é capaz de desejar sua adoção e inconscientemente escolher seus adotantes, assim como seus pais adotivos podem escolhê-las. Durante esta entrevista resalta a importância desses pais não ocultarem nenhuma informação, principalmente o fato de ser filho adotivo, como o lugar de seu nascimento e onde foi realizado o primeiro contato.

Dolto (1998) fala que toda criança já foi desejada e amada pelos seus pais biológicos, para isso ela postula três desejos inconscientes; o desejo do pai genitor pela mulher que ele engravidou; desejo associado desde a infância à imagem da sua mãe ou pai quando não à realidade da presença do genitor, e o desejo de nascer desse ser humano. Dentro deste último desejo Dolto faz a primeira referência à separação do filho e da mãe, onde ela diz que o recém-nascido sobrevive a sua primeira separação após o desligamento da placenta.

A mãe, para a criança, é o ser que lhe dá de comer e cuida dela. É uma entidade que satisfaz as necessidades e sempre encontro o meio de ajudá-lo quando você está em "petição de miséria". Logo, a mãe é a enfermeira que trata a criança quando ela está doente (DOLTO, 1999, p.33).

A revista *Médecine de L'Homme* (1998) durante a entrevista questiona Dolto sobre a sensação que a criança adotada tem de ser um objeto roubado, em resposta diz que inconscientemente ou conscientemente essa sensação irá aparecer caso os pais adotivos não queiram conversar com essa criança sobre sua história.

Quando se esconde da criança sua história, ela a descobre de repente pelo registro civil, quando vai buscar sua certidão de nascimento, ou quando, um belo dia, uma tia velha deixa escapar a coisa por descuido: a criança muda de repente de identidade (DOLTO, 1998, p.99).

Os pais evitam falar sobre a adoção por acreditarem que vão machucar a criança tocando no assunto, de falar de sua mãe biológica e inconscientemente mostrar que não foi um filho desejado e amado. Dolto, em contra partida faz uma suposição dizendo que esses pais adotivos também se sentem machucados por não terem sido os genitores, tornando um motivo plausível para não entrarem no assunto da adoção. Dolto (1998) enfatiza que inconscientemente essa criança sabe que é adotiva, mas assim mesmo tem necessidade de que sua história seja contada, caso contrário sua vida simbólica será construída em bases inseguras.

E por ultimo Dolto faz a segunda grande passagem sobre o vínculo mãe e filho ou pai e filha é quando diz que na adoção também existe o complexo de Édipo proposto por Freud (1899), onde Dolto diz que todo filho adotivo assim como um filho biológico vive uma fixação amorosa e desejanse pelo “responsável” do sexo oposto.

“A meu ver, deveria ser criada uma lei da adoção que favorecesse a adoção desde o primeiro dia de vida da criança, já que sabidamente a mãe que a pariu não quer assumi-la” (DOLTO, 1998, p.240).

Já Bolwby (2006) diz que mães e bebês são programados biologicamente para estabelecerem uma ligação no período crítico de vida da criança (primeiros vinte e quatro meses). Se esse vínculo for quebrado durante esse período crítico o desenvolvimento da criança sofrerá danos graves e permanentes. Esta quebra de vínculo pode acontecer em decorrência do abandono ou morte da mãe.

Segundo este autor, o sentimento de rejeição é um dos danos que acompanhará o indivíduo por toda sua vida. Nos casos de adoção, esta é uma marca deixada na criança, independentemente do tempo que essa leva a ter novamente uma mãe. O sentimento de rejeição proveniente do abandono da pessoa amada, no caso a mãe, provocam na criança desespero absoluto que de certa forma a criança adotada nunca irá se livrar desse sentimento totalmente.

## ***Contato mãe-filho***

“Viver é estar em contato. Tudo no universo está em contato” (RIBEIRO, 2007, p.11), este conceito da Gestalt-terapia é facilmente aplicado à relação entre mãe e filho. A criança pode, com as trocas de sentimentos, encontrar formas de satisfazer suas necessidades e se desenvolver através do contato mãe-filho. É também uma forma da criança se sentir pertencente a esta família.

Frazão (2015) coloca a mãe como o primeiro “outro” significativo com quem a criança entra em contato, e é através desse que será estabelecido a relação que dará início ao processo de desenvolvimento.

“Somos seres de relação... Alguém absolutamente só não teria nem mesmo consciência de sua realidade, pois é pelo contato com o outro que me percebo existente” (RIBEIRO, 2007, p.11). O contato, para a Gestalt, proporciona o desenvolvimento saudável para a criança, pois resulta na capacidade do ser humano de se nutrir da relação. Mãe e bebê não podem ser vistos separadamente, Antony (2012) aponta que estes constituem um campo, uma unidade relacional.

Contato define o intercâmbio entre o indivíduo e o ambiente que o circunda dentro de uma visão de totalidade, visto que o organismo (indivíduo) e meio são um todo indivisível. Deste modo, refere-se aos ciclos de encontros e retiradas no campo indivíduo/meio. (SILVEIRA, 2012, p.59).

A criança que não tem a oportunidade de vivenciar a relação materna primária crescerá com um imenso vazio afetivo, deixando uma configuração fundamental aberta, relacionada às necessidades físico-corporais como a falta de colo e psicoemocionais que gritarão para serem atendidas ao longo de sua vida. (ANTONY, 2012).

Afirmam Antony e Brito (2010) que desde o útero o bebê mantém um contato biopsicofísico com a mãe, já que o cordão umbilical serve de filtro emocional e nutricional. A ligação Biopsicofísica é entendida a partir de vínculo biológico (dependência total de sobrevivência do feto pela mãe), psicológico (fantasia introjetada de família feliz que a gestação costuma proporcionar) e vínculo físico (presença do cordão umbilical). Quando o rompimento físico do cordão acontece a ligação emocional permanece, pois esse bebê não se diferencia da mãe.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) dizem que na interação mãe e bebê, a criança descobre e inventa sua própria realidade, podendo atuar no mundo de forma saudável. Assim, como no abandono, uma ruptura no campo causa acessos de raiva, pois a criança acaba introjetando uma realidade estranha.

Yontef (1998) baseado nesta concepção de mãe e bebê enquanto campo relacional aponta que é esta relação que dará suporte a formação de um self, este que é de grande importância ao contato. O autor diz que qualquer interrupção na relação causa uma reação negativa ao self da criança, resultando em culpa.

A criança cria a fantasia de ter falhado por ter se separado de sua família de origem, como resultado essa separação tende causar quando adulto funcionamento inadequado e sentimentos de vergonha no contato.

Todas as formas de amor não retribuídas trazem vergonha. O abandono, em especial pelos pais, é um exemplo particularmente poderoso deste caso. Como reações de vergonha crônicas começam tão cedo, e relacionamento com a pessoa responsável pelos cuidados maternos é especialmente importante na sua indução. A reação de vergonha cria a necessidade de a criança ter no genitor uma pessoa a quem possa confiar, e, portanto, quando há alguma dificuldade, há uma tendência de presumir que “a mamãe é legal, o problema sou eu”. (YONTEF, 1998, p.371-372).

No caso da adoção, sempre há um abandono implícito. O processo de individuação que esse bebê é obrigado a experimentar resulta em algumas angústias básicas, como propõem Antony e Brito (2010): a separação, a perda do amor e a morte simbólica dos pais biológicos.

Na linguagem gestáltica, crianças abandonadas ou ameaçadas desenvolvem a confluência como psicodinâmica representada pela necessidade de dependência, cuidado, proteção ocasionando confusão de fronteiras entre ela e o outro. A criança sofre da angústia da ausência da presença. Sem o outro ela não existe. Separação, afastamento, ausência são fatos traumáticos para a criança pequena. Desde cedo, tememos que nossos pais desapareçam ou se afastem. (ANTONY, 2006, p.5).

Antony (2006) diz que a criança que passa por falta de contato com o meio (representado pela mãe) acaba introjetando a figura de pais negativos, formando mitos prejudiciais para o seu desenvolvimento, causando danos em sua autoimagem e produzindo padrões de contatos não nutritivos. Logo, a introjeção seria um mecanismo de evitação bastante comum ao indivíduo que é filho adotivo. A forma

disfuncional da introjeção neste caso seria internalizar o ambiente sem assimilar, como por exemplo, associar que em todas suas relações afetivas as pessoas vão lhe abandonar, apresentando assim comportamentos de indiferença na relação ou de dependência não saudável.

A criança que não tem a oportunidade de experienciar o vínculo materno primário (a relação cuidadora de exclusividade com o bebê), certamente irá crescer com um imenso vazio afetivo que deixará uma configuração fundamental aberta, relacionada às necessidades físico-corporais (a falta de colo, do contato pele com pelo, olho no olho na hora do aleitamento) e psicoemocionais que irão clamar para serem atendidas ao longo de sua vida de relações interpessoais. (ANTONY, 2012, p.38).

Esta maneira de evitar o contato aparece pela falta de convivência com a mãe, pois, segundo Antony e Brito (2012), as primeiras trocas afetivas entre mãe e filho são extremamente significativas para que a criança possa construir sua forma de ser no mundo e sua forma de ser em relação. Por exemplo, o amamentar transcende a nutrição física do bebê, pois é ainda mais importante para a nutrição emocional.

A ressalva que fazem as autoras é que o importante não é figura da mãe em si no contato, e sim de uma figura materna afetiva que possa dar amor, criar laços e oferecer segurança ao bebê.

## V - Considerações finais

Para o desenvolvimento emocional é de muita importância que a mãe propicie um ambiente acolhedor durante a adaptação da criança à realidade e que ela desempenhe uma função de proteção de situações que a criança ainda não entende, simplificando em um processo contínuo de “conhecer o mundo” por meio de seu intermédio.

Um ponto importante é que as teorias expostas no levantamento bibliográfico reconhecem que a mãe biológica não é a única capaz de auxiliar no desenvolvimento da criança, mas sim o de uma figura materna que internalize o papel de cuidadora e provedora de nutrição física e emocional.

A presença do vínculo mãe e filho é essencial para a criança nos primeiros anos de vida e a ausência dessa figura pode trazer prejuízos em seu desenvolvimento. A criança que tem um vazio afetivo (falta de relação/contato com a figura materna) acaba sempre buscando uma relação de submissão e dependência ou de total frieza (indiferença para com o outro). Sendo assim, a criança se fecha em si e acaba eternizando uma fantasia de que todas suas relações trarão rejeição e abandono.

Portanto, o contato é um fator facilitador e estimulador do desenvolvimento humano, pois é através dele que o indivíduo poderá configurar e reconfigurar seu papel no mundo.

O contato entre a criança e sua mãe adotiva auxilia na construção de um campo relacional de maneira segura, onde a criança poderá ressignificar esse rompimento do vínculo prematuro e transformá-lo em um novo. Ele fará com que a criança se sinta confirmada, ou seja, capaz de desenvolver confiança, restaurando a maneira saudável de estar em contato.

Seja biológico ou adotivo, o vínculo criado com cada criança é único. Partindo da individualidade, cada ser humano lida de maneira singular com uma nova relação. Assim, os pais que exercem suas funções com carinho e cuidado, farão com que a criança se sinta inserida na família.

Quando na relação primária uma pessoa se coloca no papel materno de cuidadora para atender os “pedidos” do bebê, ensina-o gradativamente a controlar seus impulsos, a lidar com suas emoções e administrar as expectativas, fortalecendo



seu processo de autorregulação, sendo a criança capaz de buscar o equilíbrio no seu desenvolvimento e sempre manter a congruência com relação a sua existência.

As crianças que não são adotadas logo após seu nascimento costumam ir para lares provisórios ou instituição de abrigo. O abrigo foi criado para acolher crianças em situação de risco. O rompimento de laços, a perda dos afetos e o sentimento de abandono das crianças do abrigo são ainda mais intensos. Esse é um tema complementar da presente pesquisa, que o autor deixa de sugestão para futuros estudos, pois é necessário que os conhecimentos dos aspectos psicológicos da adoção se ampliem.

## VI – Referências

ANTONY, Sheila. **A criança em desenvolvimento no mundo: Um olhar gestáltico.** Revista IGT na Rede, v. 3, n. 4, 2006.

ANTONY, Sheila. **Gestalt-terapia: Cuidando de crianças.** Teoria e Arte. Curitiba: Juruá, 2012.

ANTONY, Sheila; BRITO, Mônica Xavier de. Abandono, abrigo e adoção: o que os pais precisam saber sobre as crianças e a realidade dos abrigos. In: ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: Caminhos de crescimento.** São Paulo: Summus, 2010.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DOLTO, Françoise. **Caminhos da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOLTO, Françoise. **Destinos da criança: Adoção, famílias e trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Compreensão clínica em Gestalt-terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: \_\_\_\_\_; FUKUMITSU, Karina Okajima. **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 2015.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** 3 ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Eu-tu-nós: a dimensão espiritual da alteridade nos ciclos de contato. **Revista da Abordagem Gestáltica,** Goiânia, v. 13, n. 1, jun. 2007.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo de contato**. Temas básicos na abordagem gestáltica. 5 ed. São Paulo: Summus, 2007.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução à Gestalt-terapia**. São Paulo: Vozes, 2000.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 12, n. 3, 1999.

SILVEIRA, Teresinha Mello da. Contato. In: D'ACRI, Gladys (Org). **Dicionário de Gestalt-terapia "Gestaltês"**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2012.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Adoção tardia**: Devolução ou desistência de um filho. Curitiba: Juruá, 2012.

WEBER, Lídia. **Aspectos psicológicos na adoção**. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2004.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

YONTEF, Gary. **Processo, Diálogo e Awareness**: Ensaio em Gestalt-terapia. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998.